

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do Colóquio “Democracia e Desenvolvimento na África”, em Burkina Faso**

**Ouagadougou – Burkina Faso, 15 de outubro de 2007**

Senhoras e senhores,  
Meus amigos e minhas amigas,

É uma honra e uma alegria participar, a convite do presidente Compaoré, deste colóquio sobre democracia e desenvolvimento na África.

A África está em pleno ressurgimento. Desenha seu próprio destino. Quer deixar para trás uma história de desencontros e de conflitos provocados ou agravados pela herança colonial.

Com a Nova Parceria Econômica para o Desenvolvimento da África, os países do continente demonstram uma maturidade que revigora a democracia e planta as sementes do crescimento sustentável: transparência administrativa, fortalecimento institucional, proteção dos direitos humanos e prioridade governamental para a educação e a saúde.

A consolidação da União Econômica e Monetária da África Ocidental – com sede aqui, em Ouagadougou – sinaliza algo que nós, na América do Sul, também estamos experimentando. A integração regional, com a criação de um espaço econômico comum, é uma ferramenta indispensável no caminho do desenvolvimento.

Esses objetivos só se tornarão realidade se houver paz e segurança para todos. A União Africana está na dianteira das iniciativas regionais para superar tensões sociais, políticas e étnicas que, por décadas, frustraram as aspirações de todo o continente.

O Brasil apóia esse esforço. Demos apoio político e recursos logísticos e de pessoal às missões das Nações Unidas que ajudaram a construir a paz em Angola e em Moçambique. Por intermédio da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, contribuímos para a reconciliação e a consolidação da democracia em Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe. Nos juntamos também

aos esforços da comunidade internacional em favor da estabilidade da República do Congo.

Nas sete viagens que fiz à África, em meu governo, estabeleci uma agenda de trabalho e de cooperação centrada na busca do desenvolvimento solidário e na promoção do bem-estar dos nossos povos.

Privilegiamos a democracia, o combate à fome, a promoção da saúde, a valorização da educação e o respeito ao meio ambiente. Buscamos construir sociedades menos desiguais. Liberdade política, com desenvolvimento e justiça, é a meta que deve unir e inspirar africanos e brasileiros.

A despeito dos avanços tecnológicos que a humanidade alcançou no século XXI, um grande número de homens, mulheres e crianças em todos os continentes ainda se defronta com os desafios históricos da pobreza, da negação de seu direito a oportunidades de vida e de emprego dignos.

Ainda nos deparamos com o exercício abusivo do poder em muitas partes. Vemos a incompreensão e a ausência de diálogo degenerarem em conflitos. Desperdiçam-se em armas recursos que poderiam estar ajudando a construir um mundo mais justo e solidário.

Precisamos moldar uma ordem internacional que responda aos anseios desta e de futuras gerações. Isso passa pela reforma e fortalecimento das instituições multilaterais.

A ONU precisa adaptar-se à realidade contemporânea. Cento e trinta dos 192 membros da ONU são da África, América Latina e Ásia. Esses países não estão adequadamente representados no Conselho de Segurança, onde muitas vezes seus destinos são traçados. É preciso corrigir urgentemente essa distorção.

Na OMC, estamos empenhados em que as negociações de Doha possam verdadeiramente merecer o nome de “Rodada do Desenvolvimento”. Com o apoio imprescindível de países africanos, o G-20 impediu que as potências industrializadas continuassem a ignorar nossas legítimas aspirações. Devemos continuar trabalhando juntos para garantir que nossos agricultores tenham a oportunidade de provar sua competência e competitividade no mercado internacional.

Os países africanos souberam exercer essa capacidade de mobilização em defesa de milhares de pessoas que dependem da indústria do algodão.

Burkina Faso, Benín, Chade e Malí têm demonstrado ao mundo que é possível recorrer aos mecanismos multilaterais na luta contra subsídios abusivos e injustos. O Brasil também tem levado, com êxito, esse pleito à OMC. Vamos continuar juntos nessa campanha.

Está em curso uma batalha pelo futuro das instituições de Bretton Woods. O Brasil conta com o apoio da África para democratizá-las, de forma a colocar seus recursos financeiros e técnicos a serviço do desenvolvimento e não de uma ortodoxia desumana.

Por meio da Ação Internacional de Combate à Fome, que lançamos em 2004, estamos criando mecanismos financeiros inovadores para alcançar as Metas do Milênio mais fundamentais: democratizar o acesso à alimentação e à saúde.

O Brasil também convida Burkina Faso e toda a África a participar na revolução dos biocombustíveis. Por meio da implantação, na África, América Latina e Ásia, de cultivos próprios para a produção de etanol e biodiesel em larga escala, podemos democratizar o acesso à energia sustentável. Ao mesmo tempo, estaremos combatendo o impacto do aquecimento global, que atinge desproporcionalmente os países mais pobres. E, isso, sem colocar em risco a segurança alimentar. É o que demonstra a experiência brasileira.

Caros amigos,

Sinto orgulho de poder visitar um continente que tanto contribuiu para a formação da sociedade brasileira e para determinar o modo de ser dos brasileiros.

O Brasil é a segunda maior nação negra do mundo. Só isso já seria justificativa suficiente para não darmos, jamais, as costas à África. Mas também estamos aqui para estabelecer parcerias e aproximar nossos países porque acreditamos no potencial deste continente.

No Brasil e na América do Sul, queremos ajudar a construir esse futuro. A realização da Cúpula África-América do Sul, em Abuja, no ano passado, foi um passo pioneiro e decisivo para nos conhecermos melhor.

Hoje, temos o desafio de traçar estratégias e formular propostas para que nossos continentes sejam definitivamente unidos na luta comum pela consolidação da democracia e do desenvolvimento.

Meus amigos e minhas amigas,

Quando falamos em democracia e desenvolvimento precisamos ter em conta uma palavra mágica, que é, na minha opinião, aquela que pode permitir que a gente possa, com mais rapidez, resolver os problemas do mundo e, dentro do mundo, dos países mais pobres. Essa palavra chama-se paz. Sem paz, nenhum país do mundo vai se desenvolver. Se em vez de estarmos pensando em resolver os problemas das crianças que estão fora da escola e passando fome, se em vez de ficarmos pensando em resolver os problemas das mulheres e dos homens que estão desempregados, se em vez de tudo isso, tivermos que gastar a nossa energia nas lutas internas em cada país, nas guerras internas em cada país, se em vez de comprar pão, tivermos que comprar um canhão, se em vez de comprarmos arroz, tivermos que comprar fuzis, se em vez de abraçarmos um companheiro, tivermos que ficar atirando nele, certamente esse país nunca irá se desenvolver.

Por isso, é com muito orgulho que venho visitar este país irmão, Burkina Faso. Cada visita que faço a um país africano é quase como o pagamento de uma dívida histórica que não tem valor monetário, que não se paga em terra, mas que se paga com amizade e com solidariedade. O Brasil, a cara do povo brasileiro, o jeito amável de ser do povo brasileiro, o futebol brasileiro, o samba brasileiro são resultado de uma miscigenação que deu certo, de uma mistura de africanos, de índios e de portugueses, inicialmente. Essa mistura criou, certamente, um dos povos mais amáveis e mais alegres do mundo. Essa gratidão, o Brasil deverá eternamente ao continente africano, porque foram 300 anos em que jovens, os mais saudáveis, eram tirados da África, como cidadãos livres, e transformados em escravos no meu País, em outros países da América Latina e nos Estados Unidos.

Por isso é que decidi visitar a África, para falar de democracia, porque eu sou o resultado mais vivo da democracia no meu País. Se não fosse a democracia no meu País, dificilmente um torneiro mecânico chegaria à Presidência da República.

A América Latina vive um momento excepcional de democracia. Os governos progressistas estão ganhando as eleições em quase todos os países numa contrariedade ao que aconteceu na década de 80 e na década de 90. Mas nós estamos convencidos de que, como a África, a América Latina não pode desperdiçar o século XXI. O século XX nós perdemos, a Europa ganhou

grande parte do século XIX, os Estados Unidos ganharam, praticamente, o século XX, e agora os países africanos, os países latino-americanos, a China, a Índia e outros países asiáticos, que não tiveram chance no século XX, precisam conquistar o século XXI como o século da consolidação da democracia nos nossos países, como o século da consolidação de um desenvolvimento com justiça social, como o século em que a gente possa combater as graves doenças existentes nos nossos países. Mas, sobretudo, como o século em que a gente devolva para o nosso povo, não apenas a liberdade de gritar que está com fome, mas o direito de estudar, o direito de trabalhar, o direito de tomar café, almoçar e jantar todos os dias. Afinal de contas, o direito de ter orgulho e de fazer valer esse regime, que é cheio de defeitos, mas é o melhor que nós temos até agora, que é a democracia.

Muito obrigado e boa sorte.